# ALICERCES DA CONSTRUÇÃO DO EU NA TETRALOGIA DE LUÍSA BELTRÃO

Paula Morais\* paumorais@hotmail.com

Ao longo de uma diegese de dois séculos, abarcando o século XIX e XX com todas as convulsões internas e externas que os caracterizaram, a tetralogia de Luísa Beltrão procura apreender não só a forma como foi urdida a identidade nacional, mas principalmente compreender o processo conducente à construção de uma identidade pessoal.

Assim, é equacionado o papel da memória como condição imprescindível à manutenção de uma identidade una e coesa (como é o caso das personagens conde de Aguim e tia Elisinha, entre outras) e os efeitos perversos advindos da sua destruição (em evidência na eterna busca do Eu de Conta e na crise identitária enfrentada por Gena).

Palavras-chave: Luísa Beltrão, identidade nacional, memória

Through a diegesies of two centuries, passing by the XIX and XX centuries with all its convulsions, the Luísa Beltrão tethralogy tries to catch not only the way how the national identity was made, but mainly to understand the leading process in order to build a personal identity.

So it is questioned the memory role as an indispensable condition to the maintenance of an unite and cohesive identity (as it is the case of the characters conde de Aguim and tia Elisinha, among others) and the perverse effects coming from its destruction (showed by the eternal search of the "I" by Conta and in the identity crises faced by Gena).

Keywords: Luísa Beltrão, national identity, memory

\* Paula Morais é doutorada em Literaturas e Culturas Românicas, especialidade de Literatura Portuguesa, pela FLUP. É professora do ensino básico e secundário na Escola Básica e Secundária do Cerco, Porto, Portugal. Colabora, pontualmente, com o CITCEM/FLUP.

"Move-me sim a vontade de entender o fio condutor que nos transporta ao que hoje somos" (BELTRÃO, 1997ª:11) afirma Luísa Beltrão em *Os Bem-Aventurados* (terceiro volume da tetralogia). Desejo esse espraiado numa extensa diegese de dois séculos dividida em quatro volumes (dois dedicados ao século XIX – *Os Pioneiros* (*idem*, 2004) e *Os Impetuosos* (*idem*, 2000) – e dois ao século XX – *Os Bem-Aventurados* (*idem*, 1997¹) e *Os Mal-Amados* (*idem*, 1997b).

A história da família Teixeira e seus descendentes vai propiciar a reflexão não só sobre a forma como a identidade nacional foi construída, remodelada, sintetizada e/ou mantida ao longo desses dois séculos, mas também sobre o percurso efetuado pelo homem-indivíduo e o homem-social para progredirem ao longo de uma determinada conjuntura, qual ou quais o(s) fio(s) condutor(es) subjacente(s) à construção de uma identidade pessoal, no fundo, à explanação do trajeto efetuado para se ser "[transportado] ao que hoje somos". Por isso mesmo, a autora vê na tetralogia uma função pedagógica:

Depois do 25 de Abril as novas gerações passaram por um corte muito grande, devido a uma revolução de costumes a todos os níveis. A evolução social implica qualquer coisa que vem detrás, porque nada acontece que não esteja ligado ao passado que se projecta no futuro. Nessa linha creio que as novas gerações perderam um pouco das suas referências e estes livros foram uma reflexão em termos de história recente, onde teve início a nova mentalidade da democracia. (BELTRÃO, s/d)

Para encontrar o homem-indivíduo é necessário não escamotear o facto de ele estar imerso num coletivo, de a sua identidade pessoal ser construída a partir da social/nacional e das suas diversas flutuações. Como salienta Fernando Gil, "Identificamo-nos a nós próprios através da nossa experiência porque cremos descobrir nela uma continuidade que conservamos e que nos conserva. O passado exige ser apercebido como uma linha ininterrupta de existência e não como uma sequência de acontecimentos instantâneos." (GIL, 2003: 41)

Em face dessa perceção, as diferentes nações incentivaram a crença na ancestralidade de cada comunidade, tornando clara a manutenção de um conjunto de valores, ideologias e saberes culturais habilmente perpetuados pela escola, meios de comunicação social, pelas artes, entre outros.

Essa linha dorsal da identidade coletiva só persiste porque a sociedade tem memória ou, pelo menos, procura cultivar um determinado tipo de

memória social e histórica. Sem ela, o homem perde a noção de pertença a uma comunidade que o antecede e se projeta inelutavelmente no futuro, ficando imerso no caos e nas dúvidas.

Assim, em determinados períodos da História nacional, o poder político construiu, manipulou, subverteu e/ou manteve uma determinada memória da identidade portuguesa, dos agentes envolvidos na sua construção, dos itens a serem expurgados por poderem contaminar com falsas visões os portugueses ou a serem mantidos por se adequarem aos objetivos estabelecidos pelo poder político. Não é por isso de estranhar o facto de a identidade nacional surgir como uma espiral de memórias valorativas e de rasuras ou silêncios, à semelhança de um rizoma (onde todos os veios se intersecionam sem nenhum ser o primordial, segundo a conceção de Deleuze e Guattari (DELEUZE e GUATTARI, 1980: 13-31), razão pela qual nem sempre é fácil particularizar uma imagem una da identidade nacional. Apesar de ela se alicerçar em diversas linhas continuamente em interseção, muitas vezes, o poder instituído procurou sobrevalorizar uma delas ou atrofiar outras consoante a imagem de português que pretendia difundir num determinado momento temporal.

Decorrente dessa contínua oscilação, Miguel Real (REAL, 2007) explora a construção da identidade nacional a partir da alternância de quatro complexos culturais: o viriatino e o vieirino (associados à atuação dos grandes heróis e à perpetuação das suas façanhas, como é o caso de Viriato e a sua luta contra os romanos ou a fundação e o milagre de Ourique), o pombalino e o canibalista (inerentes à demonização de certos acontecimentos ou figuras históricas – a dinastia de Bragança, a primeira República, o período do Estado Novo – e à aceitação do país como pequeno, periférico e dependente da civilizada Europa).

Esses quatro complexos acabam também por emergir da identidade pessoal de cada português forçado a conviver com os mitos e glórias do passado, a pequenez geográfica do país face aos restantes congéneres europeus, a consciência de existirem em si próprio tempos diversos, personalidades e objetivos distintos. Tal decorre do facto de a denominada identidade pessoal corresponder a uma espécie de elo entre os discursos e as práticas que interagem com o sujeito de forma a ele poder incluir-se num determinado mundo social. Dessa perspetiva, "As identidades serão, (...), construções relativamente estáveis num processo contínuo de actividade social" (MENDES, 2005: 490); no entanto, são maleáveis às fricções, tensões e flutuações da conjuntura.

A construção da identidade processa-se numa espécie de diálogo plurivocal entre um eu e os outros, no qual intervêm forças centrípetas e centrífugas, numa luta contínua entre a vontade de se aproximar do outro e o desejo de se afastar dele para regressar ao eu, havendo um recentramento; recria-se, desse modo, uma espécie de universo polifónico tal como foi apresentado por Bakhtine (BAKHTINE, 1990 e 2001).

Relativamente ao polígono evidente no conceito de identidade nacional e pessoal dos portugueses, há ainda a perceção da alternância de dois grandes fulcros: o lado heróico e o lado dominado pela passividade e aparente nulidade. Ambos perpetuados pela rememoração de um passado vivido, aprendido e intuído. Como salienta Fernando Catroga, "recordar é em si mesmo um ato de alteridade. Ninguém se recorda exclusivamente de si mesmo, e a exigência de fidelidade, que é inerente à recordação, incita ao testemunho do outro" (CATROGA, 2001: 45). É a hierarquização dessas recordações na memória coletiva ou pessoal a condição imprescindível à construção de um sujeito pensante uno e coerente, apesar das mutações conjunturais.

Para não ocorrer a perda da memória, é necessária a atuação dos "contadores de histórias", isto é, de todos os que transmitem os ensinamentos do passado às gerações futuras. Sem esses *aedos*, o ser humano perde as raízes, torna-se num ente à deriva em busca de respostas capazes de o elucidar sobre quem é, qual o seu destino, quais os objetivos a traçar para o futuro. Essa busca incessante de um Eu que renegou o passado/a memória é corporizado, na tetralogia, pela personagem Conta. De igual modo, a prima Gena viverá uma profunda crise de identidade ao ser forçada a optar por uma imagem de si associada aos princípios basilares da sociedade salazarista e outra, ainda em construção, que lhe permita integrar-se no Portugal democrático.

Constança corresponde ao ser humano ávido de construir uma identidade pessoal distinta da imposta pela família; rejeita as raízes, nega-se a aprender com os acontecimentos do passado; para além disso não aceita pertencer a um país onde os habitantes parecem estar fossilizados e presos num tempo inexistente. Ao assumir essa posição, Conta sentir-se-á durante grande parte da sua existência como um ser sem raízes, sem capacidade para se integrar plenamente numa comunidade, sempre em busca de algo indefinível e inalcançável:

Desde que lhe viera a consciência, concebera-se como um ser extraviado e anguloso, errando por entre as geometrias previsíveis da classe a que per-

tencia por direito de berço e a que ansiava pertencer de facto. Imagem incómoda que a levava a procurar suportes jamais encontrados, num desequilíbrio amargo entre o plano maleável do imaginário e o plano rígido da realidade (...) (BELTRÃO, 1997): 57).

O seu processo de crescimento e consolidação de ser adulto será pautado pela incapacidade em fugir ou responder à pergunta "Quem és tu?". Daí, ao relembrar-se da intervenção do Romeiro do *Frei Luís de Sousa*, ver na sua resposta uma "Frase bombástica que se tatuava nela como uma praga incontornável." (*Ibidem*: 61)

À semelhança de qualquer indivíduo, Constança deambula pelo mundo em busca de respostas, deseja saber quem é, muito embora não queira, ainda, compreender só ser possível encontrar uma ao assumir a pertença a uma comunidade com um passado, que molda o indivíduo, apesar de lhe permitir edificar a sua individualidade. Tal decorre do facto de, segundo José Mendes, "... as identidades [serem] baseadas em significados que derivam da pertença a certas categorias ou a aspectos da biografia pessoal culturalmente significantes. As identidades são signos do valor pragmático do indivíduo, variando de acordo com os contextos, podendo induzir respostas e expectativas erradas, ou levar a ambiguidades." (MENDES, 2005: 494)

A errância da personagem terminará ao aceitar fazerem parte do seu EU o passado e a antecipação do futuro, a tradição e a inovação, as diversas faces da conjuntura circundante e a capacidade para fazer opções. Esse reencontro consigo própria e com a memória familiar surgir-lhe-á como uma espécie de aparição, será o surgimento "do puro ser vivo, subitamente erguido à [sua] frente, separado de [si] enquanto precisamente [vive e pensa]" (FERREIRA, 2004: 88). Como enfatiza Vergílio Ferreira "se a individualização de um 'eu' implica o 'outro', negando-o, a verdade é que na afirmação irrecusável de quem somos estamos falando de algo que de certo modo nos transcende, sendo nós e por transposição (não por contraste) os outros." (*Ibidem*: 88)

Em plena democracia, quando lhe compete auxiliar a família a redescobrir-se num Portugal distinto do passado, Conta compreende a importância dos erros, da reflexão sobre modelos, da necessidade de nada rasurar: "Devagarinho, intuía que finalmente talvez fosse encontrar o que sempre procurara, não de repente nem de rompante, mas numa grande espiral onde se encontrava há muito sem o saber. Uma longa espiral que subia a níveis cada vez mais altos." (BELTRÃO, 1997<sup>b</sup>: 98)

Esta personagem poderá, desta perspetiva, simbolizar os portugueses do período democrático aos quais foram amputadas as raízes, foi negada a memória do passado como se ela fosse improdutiva e nefasta. Por isso, têm dificuldade em assumir uma identidade pessoal coerente visto dela não fazer parte o passado, como se ignorá-lo permitisse começar do zero. No entanto, como enfatizara Isabel, a mãe da personagem, "O ser humano precisa de referências para as poder contestar." (BELTRÃO, 1997ª: 240), de coordenadas para não se perder no multiperspetivismo e na pluralidade das opções possíveis.

Conta é, assim, mais uma portuguesa em busca de uma identidade pessoal unitária, à espera de uma revelação ou, como diria Boaventura de Sousa Santos (SANTOS, 1994: 49-50), à espera do regresso do Encoberto para poder assumir-se enquanto Eu autónomo, uno e coerente. No entanto, acabará por perceber estar a sua indefinição associada à denegação do passado, à vontade de rasurar séculos de vida comunitária, independentemente de ela ter sido mais ou menos profícua. Será essa a grande descoberta da sua vida, o motor do reencontro consigo própria, com o seu país e com os afetos familiares rejeitados. A personagem escapa à bruma do mito do Encoberto e aceita ser a súmula de vários fragmentos, valores, perspetivas. Ao aceitar a multiplicidade do presente e a imutabilidade do passado, a coexistência da tradição e da inovação, da importância da manutenção de uma memória social continuamente transmitida pelas contadoras de histórias, as avós, Conta deixa de ser perseguida pela resposta do Romeiro do Frei Luís de Sousa. À pergunta "Quem és tu?", ela sabe agora responder com as diversas e inarmónicas camadas da sua densa identidade pessoal e social.

Sendo um termo ambíguo e complexo, a noção de identidade implica a aceitação das dicotomias a ela subjacentes, tal como são enfatizadas por Gaulejac (GAULEJAC, 2009: 59): similitude/diferença, singularidade/alteridade, individual/coletivo, unidade/distinção, objetividade/ subjetividade. Nesse contexto, o sujeito só pode definir-se a partir da invenção de um Eu assente no conhecimento daquilo que ele próprio é (*idem*: 60). Tal como Conta compreenderá no final da sua busca, o homem só se torna livre ao aceitar quem é, reconstruindo-se a partir das vivências prévias, e não ao tentar negar o passado e a memória (*idem*: 195).

Quer ela quer a prima Gena serão forçadas a edificar/remodelar a identidade pessoal em função da consciência de que o passado (caracterizado pela segurança, equilíbrio, noção de pertença a uma comunidade repleta de heróis) desapareceu para dar lugar, no final do século XX, à ausência de memória e à perda de referentes, cerceadoras da completa elaboração

de uma identidade apreendida como consistente e perpetuável (SANTOS, 2011 e REAL, 2012). No fundo, ambas surgem inseridas na contemporaneidade, definida por Gaulejac como a era da "hipermodernidade", dominada por uma sociedade cada vez mais líquida, dado as metanarrativas estarem em crise. Desse modo, o sujeito "hipermoderno" é forçado a lutar contra o desencanto e a desilusão através de um extenso processo de bricolage de valores e práticas sociais (GAULEJAC, 2009: 15-16).

Gena foi educada em conformidade com o modelo de mulher em vigor desde o século XIX: deveria utilizar a sua beleza para concretizar o objetivo de vida de qualquer mulher portuguesa – o casamento –, não manifestar qualquer tipo de aptidão intelectual e dedicar-se à família. Tendo interiorizado esses itens como linhas centrais da sua identidade pessoal, a personagem entrará em depressão, em plena democracia, ao ver o seu papel de mãe e esposa questionado bem como a organização social em que se inseria.

Durante algum tempo, Gena cindir-se-á em duas faces antagónicas e inconciliáveis, impeditivas da reformulação da identidade pessoal da personagem. Crê só poder inserir-se na nova estrutura social se rasurar o passado, encarar como inválidos todos os princípios inerentes à sua formação enquanto indivíduo. Quando compreende não ser necessário abdicar do passado e de quem foi, precisar apenas de reajustar, reformular, (re)hierarquizar os valores do passado com os do presente, a personagem reencontra-se e, juntamente com o marido, optará por adaptar-se aos tempos modernos, fazendo concessões, mas sem negar ou esquecer o passado. Por isso, transmitem aos filhos valores, princípios e formas de estar aparentemente anacrónicas, mas que lhes possibilitarão nunca se perder no emaranhado das imensas possibilidades trazidas pela democracia.

- A Gena é muito boazinha. (...). É importante que ela exista tal como é. Coerente, estética, virtuosa. (...)
- (...) É uma virtude ingénua, herdada. Conserva aquilo que foi posto em causa e que talvez volte com outras embalagens. Simpática, bem-intencionada, esforça-se por transmitir aos filhos o que recebeu, sem mudanças mas também sem distorções.
  - E acha que os filhos vão conseguir viver com essas referências anacrónicas?
- Olhe, Madalena, se quer que lhe diga sou capaz de achar que sim, embora não tenha a certeza. (BELTRÃO, 1997<sup>b</sup>: 261)

Consciência da importância da memória como elo de ligação na imensa cadeia temporal, como raiz da construção da identidade têm outras personagens da tetralogia: o conde de Aguim (com uma existência confinada ao

século XIX) e a tia Elisinha (uma senhora de 100 anos, cuja vida iniciou na última década do século XIX e se prolongou até ao período democrático).

O primeiro é um político incorruptível, verdadeiramente interessado no progresso do país. Valoriza os ensinamentos do passado dado apreender a história não como a sucessão de acontecimentos irrepetíveis, mas como a ocorrência de situações equivalentes, muito embora adaptadas às novas conjunturas. Segundo ele, a humanidade andaria em círculos viciosos gerados pela sua incapacidade em aprender com os erros do passado, razão pela qual os volta a repetir, muito embora em novos contextos e com outras proporções. Por isso mesmo, assume gostar de ouvir as vozes dos grandes pensadores da antiguidade visto eles serem um ótimo instrumento pedagógico para compreender o presente.

(...) gosto tanto dos clássicos. Horácio, Ovídio, Séneca. Eles ensinam-nos a relatividade das coisas. Há quase dois mil anos viviam e pensavam com as mesmas intenções, os mesmos conflitos, os mesmos desejos que nós continuamos a ter, embora pensemos que somos únicos e diferentes. Ensinam-nos que aquilo que nos acontece não é uma ilha isolada no oceano. As notas são sempre as mesmas, a melodia é que muda. Os sábios antigos ensinam-nos a não cair na tentação do absoluto. (BELTRÃO, 2004: 109)

À semelhança de Giambattista Vico (VICO, 1963 e 1977), o conde encara o devir humano como uma imensa teia de vivências e revivências, de fluxo e refluxo, de renascimento contínuo, muito embora os acontecimentos nunca sejam cópias uns dos outros, visto não serem equivalentes. Para ele, o futuro só pode ser edificado a partir de alicerces estáveis e fortes e esses estão associados ao passado e à tradição: "acho que a tradição é essencial, é ela que nos dá a lucidez necessária para construir o progresso. Repare que só com raízes fortes uma árvore pode crescer. O passado e o futuro." (BELTRÃO, 2004: 108) Tal como a árvore, a sociedade e o homem constroem a sua identidade a partir de uma base que os alimenta – o passado, as raízes –, se ela se deteriorar ou for amputada, tal como a árvore, fica débil, seca e morre, não havendo construção nem de um presente nem de um futuro.

O conde de Aguim é, assim, defensor da coabitação da tradição e da inovação, das memórias do passado imprescindíveis à manutenção de uma identidade social e pessoal coerente e una, muito embora sujeitas a flutuações epocais. Dominado pela sabedoria dos antigos, a personagem sabe não valer a pena começar do início, salvo se houvesse critérios claros e bem

definidos; contudo, essa possibilidade não é viável visto a sociedade funcionar a partir da manutenção, rejeição ou adaptação de valores e princípios de épocas anteriores. Decorrente dessa postura, toda a sua atividade política é balizada pela vontade de inovar sem destruir abruptamente a tradição, contribuir para o progresso do país sem o fazer perder a sua identidade, corrigir os erros de forma a não voltar a cometê-los, quebrando, assim, o ciclo vicioso em que a história nacional se tornou.

Já a tia Elisinha representa a voz dos negligenciados, dos silenciados pela história. Ao nascer nas últimas décadas do século XIX, vê toda a sua vida norteada pelos preconceitos associados ao género a que pertence. Por isso, foi uma "mulher de segunda" porque nunca casou, não concluiu a instrução primária, não pôde brilhar através de um marido. Durante parte da diegese, a personagem desempenha um papel secundário e, por vezes, quase irrelevante, para, com a instauração da democracia, ver o seu papel social significativamente alterado.

Dado ter uma memória prodigiosa, gostar de contar as histórias da vida dos outros (visto a sua ser monótona e insignificante), conseguir concatenar as vivências privadas com as públicas, a tia Elisinha desempenhará o papel das contadoras de histórias, dos *aedos*. As suas histórias "ligavam os novos aos velhos" (*idem*: 102), muito embora, o fio condutor parecesse estar partido visto ninguém a querer ouvir.

Todavia, com a perda de referências típicas do período democrático, com a urgência em redefinir identidades e funções sociais, a nova geração da família Teixeira recorre à tia Elisinha, ela é a memória, só ela lhes permitirá descobrir/redescobrir a linha aparentemente ininterrupta entre passado e futuro. Como enfatiza o neto Francisco: "O presente é apenas um ponto numa longa linha que vem de trás e se continua." (*Idem*: 260)

Apesar da sua aparente falta de instrução, a tia Elisinha é detentora duma capacidade extraordinária para captar o mundo e as suas transformações sociais sem as julgar. O seu ecletismo mental decorre não só da sua longa existência (um século), mas também de não ter esquecido todas as mutações, todos os percursos efetuados pelos diversos membros da família Teixeira e ter desenvolvido a consciência de não haver mundos melhores e piores, cada um deve inserir-se na conjuntura que o rodeia, muito embora mantendo vivo os ensinamentos do passado.

Em virtude de não denegarem o passado, o conde de Aguim e a tia Elisinha não têm problemas de identidade. Adequaram-se às expectativas epocais, desempenharam os papéis que lhes foram atribuídos e souberam

evoluir porque não esqueceram, optaram por manter viva a memória das épocas passadas sem nunca ficarem prisioneiros delas.

No fundo, a generalidade das personagens constatará por experiência própria ou mediada a importância da manutenção de elementos conservadores, de não rasurar o passado (tenha ele sido heróico ou doloroso), de encontrar uma solução de compromisso entre o passado e o presente dado este último ser movido pela necessidade de transformar o primeiro. Desse modo, a tradição, a memória, o passado são os motores da inovação.

Ao longo da extensa diegese, a generalidade das personagens aprende a valorizar a memória e a identidade como alicerces da construção do sujeito pensante, assim como a desvalorizar uma visão maniqueísta do mundo (os bons e os maus, a sociedade tradicional *versus* a moderna, a tradição *versus* inovação). Tal como a tia Elisinha, aprendem a relativizar o presente e o passado, dado em cada época poderem coexistir os quatro complexos apresentados por Miguel Real, muitas vezes, no interior de uma mesma sociedade ou indivíduo. Assim, constatam não poder assumir apenas os lados positivos de um passado recente (associado à ditadura salazarista com a apologia dos heróis do passado) e os negativos do presente (o Portugal democrático pautado pela perda de memória e pelas inovações contínuas); urge relembrar a estagnação e apatia da sociedade em plena ditadura e a rápida adaptação de uma sociedade atrasada às exigências de uma Europa desenvolvida.

Como referiu Nietzsche em *A Gaia Ciência* (NIETZSCHE, 1998: 17), é imprescindível "o regresso da charrua do mal" para haver evolução; no entanto, ela só ocorre se o homem tiver consciência de ser autor e ator de uma determinada sociedade, de ser o resultado de uma história que o antecede e precede. Como realça Gaulejac: "Vouloir être sujet, c'est avant tout comprendre en quoi il est originairement assujetti." (GAULEJAC, 2009: 26)

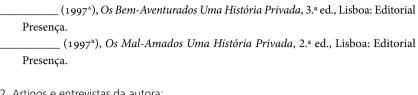
#### Referências

#### I - Ativa:

1. Textos da autora:

BELTRÃO, Luísa (2004), *Os Pioneiros Uma História Privada*, 7.ª ed., Lisboa: Editorial Presença.

\_\_\_\_\_(2000), Os Impetuosos Uma História Privada, 5.ª ed., Lisboa: Editorial Presença.



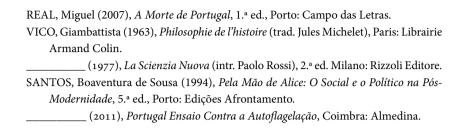
### 2. Artigos e entrevistas da autora:

BELTRÃO, Luísa (2003), "Enredos privados na teia da história" in FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro (org.), As teias que as mulheres tecem, Lisboa: Colibri, pp. 135-147. (s/p), Entrevista a Luísa Beltrão in http://www.mulherportuguesa.com/ sociedade/ entrevistas/1863 (Consultado em 14/12/2009)

#### II - Passiva:

#### 1. Geral:

- BAKHTINE, Mikhail (1990), The Dialogic Imagination, Four Essays (trad. Caryl Emerson e Michael Holquist), 7.ª ed., Austin: University of Texas Press.
- (2001), Esthétique et théorie du roman, (trad. de Daria Olivier), Paris: Gallimard.
- BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas (1985), The Social Construction of reality, Middlesex, England: Penguin Books.
- CATROGA, Fernando (2001), "Memória e História" in PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.), Fronteiras do Milênio, Porto Alegre, RS: UFRGS, pp. 43-69.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix (1980), Mille plateaux: capitalisme et schizophrénie, Paris: Les Éditions de Minuit.
- FERREIRA, Vergílio (2004), "Existencialismo" in SARTRE, Jean-Paul, O Existencialismo é um humanismo (trad. Vergílio Ferreira), Lisboa: Bertrand.
- GAULEJAC, Vincent (2009), Qui est «je»?, Paris: Éditions du Seuil.
- GIL, Fernando (2003), A convicção, (trad. Adelino Cardoso e Marta Lança, rev. da trad. Fernando Gil), Porto: Campo das Letras.
- HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (ed.), 1992, The Invention of Tradition, Cambridge: Cambridge University Press, Canto Edition.
- MENDES, José Manuel Oliveira (2005), "O desafio das identidades" in SANTOS, Boaventura de Sousa (org.), Globalização: Fatalidade ou Utopia?, 3.ª ed., Porto: Edições Afrontamento, pp. 489 - 523.
- NIETZSCHE, Friedrich (1998), A Gaia Ciência (trad. Maria Helena Carvalho, Maria Leopoldina Almeida, Maria Casquinho; pref. António Marques), Lisboa: Relógio ďÁgua.



[Submetido em 15 de junho de 2014 e aceite para publicação em 15 de julho de 2014]